

A ILUSTRAÇÃO

PARIS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: 15, QUAI VOLTAIRE

Dirigir todos os pedidos de assignaturas e numerar
anúncios: na Portugal ao sr. DAVID CORAZZI, 42, rua
da Atalaya, LISBOA; e no Brazil, ao sr. JOSE DE
MELO, 38, rua de Quitanda, RIO DE JANEIRO.
Prêz do numero á Paris, 1 franc.

7.º ANNO. — VOLUME VII. — Nº. 8

PARIS, 20 D'ABRIL DE 1890

Gerente em Portugal e Brazil: DAVID CORAZZI.

PORTUGAL

DAVID CORAZZI, 42, RUA DA ATALAYA, LISBOA

ASSIGNATURAS:

ANNO.....	3.400 REIS
SEMESTRAL.....	1.500 —
TRIMESTRAL.....	600 —
AVULSO.....	100 —



JORNAES E JORNALISTAS. — O SECULO, REDACTOR PRINCIPAL MAGALHÃES LIMA.



LISBOA. — ASPECTO DO THEATRO DE D. MARIA ONDE FUNCIONA A COMISSÃO DA GRANDE SUBSCRIPÇÃO NACIONAL.



CHRONICA

A LIBERDADE D'IMPRESA

(SEGUNDA PALESTRA)

NUNCA pensei, ao escrever a chronica do passado numero da *Illustração*, que o actual governo resolvesse attentar contra a liberdade d'imprensa, pelo modo porque o fez, tratando os jornalistas com a mesma semcerimonia com que a policia costuma tratar os ludros e os assassinos. E surp chende-me tanto mais esta arrogancia dictatorial, com seus ares de golpe d'Estado, quanto á frente do actual ministerio se encontra um estadista que toda a sua vida fez gloria de tambem pertencer á classe dos pluviosos. Mas pelo que vejo, o Poder é um vinho endiabrado que sobe á cabeça dos homens ainda os de mais timo e de mais fina educação liberal. Neste estado de embriaguez se acha hoje o sr. Serpa Pimentel! O gabinete que S. Ex.^a preside pode amoldar á vontade a imprensa; prohibir por todos os modos o exercicio da livre critica e da plena liberdade de pensamento; mandar prender, julgar, condemnar a seis mezes de cadeia, arruinar com multas de 50000 réis, todos quantos praticarem o crime de escrever a palavra *Republica* e discutir as origens da decadencia da Monarchia Constitucional em Portugal. Nem por isso esse gabinete deixará de ser o alvo das criticas mais acerbadas da imprensa europia; e a Monarchia portugueza verá todos os dias augmentar o grupo dos *descontentes*, caminhando precipitadamente para a revolução...

Bem sei que estou empregando palavras excessivamente graves, que talvez surprehendam uma parte dos meus leitores. Mas chegou o momento em que é preciso definir nitidamente as nossas posições, attendendo a que entramos n'um periodo de excessivo e mesmo d'abuso d'Autoridade, procurando diminuir e estrangular as liberdades que constituem o nosso patrimonio moral.

Na minha ultima chronica pedia á nova lei:

1.^a Que fizesse respeitar o Chefe do Estado;
2.^a Que castigasse todos os crimes de rebellião, todos quantos excitam os militares a que entrem na lucta dos partidos;

3.^a Que fosse inexoravel para todo o artigo anonymo em que se atacassem os homens e as instituições.

Eram estes tres artigos que precisavam ser seriamente estudados, para bem de todos quantos prezam o jornalismo, para bem dos verdadeiros jornalistas, liberes e democraticos, que soffrem com a invasão na imprensa do bando dos especuladores, dos aventureiros e dos insultadores de profissão.

Mas em vez d'uma lei sabiamente meditada, que comprehendesse qual é a missão da imprensa no organismo politico e social d'um paiz; d'uma lei que procurasse apenas por um termo a certas liberdades de linguagem que nós herdamos, por mal de nossos peccados, da monarchia bonacheirona do sr. D. Luiz I, d'essa monarchia que nos levou a esta desmoralisação politica em que agonisamos; d'uma lei que permitisse á Critica levantar a cabeça e entrar na lucta politica, pondo o Insulto fóra do campo: — que nos deu o governo?...

Uma lei ridicula e odiosa, uma lei comica e autocratica, que já mais poderá pôr-se em pratica

entre nós, como a famosa lei que condemna os attentados contra a Religião, e de que tambem é auctor o sr. Lopo Vaz. O governo deu-nos uma lei que o gabinete que succeder ao sr. Serpa terá fatalmente de revogar; e se o, Chefe do Estado assignar esse decreto, é uma capitulação em regra; se se recusar a assignar-o, entra em lucta com a nação; se deixa que esta lei se torne letra morta, é uma transigencia não menos delicada para um reinado que começa com tamanhas difficuldades internas e externas.

Em qualquer dos casos, a nova lei contra a imprensa só conduz a um resultado fatal — a mais um embaraço para a Monarchia, que pouco a pouco se está divorciando da nação.

Vamos entrar n'um periodo de perseguições e de terror. A nova lei deixa os jornais e os jornalistas, assim como os editores e os donos de typographias, á mercê dos srs. agentes do ministerio publico, ameaçando estes, quando mostrem negligencia, de *suspensão do exercicio e vencimentos por um até tres mezes*, isto seguido de queixa (*participação*) para a secretaria dos negocios da justiça.

O que é que a nova lei pretende cohibir, e o que é que se confia á vigilancia e intelligencia dos tais agentes do ministerio publico?...

1.^a — As offensas ao systema monarchico-representativo.

2.^a — As offensas ao Rei e familia real.

3.^a — As offensas a qualquer autoridade ou empregado publico, ou a qualquer membro do exercito ou da armada, ou a qualquer membro das camaras legislativas.

De modo que o Systema monarchico-representativo, o Deputado de Mangualde, o Governador civil de Leiria, o corneta do caçadores, o Administrador de Cintra, e mais expressões e personagens da machina politica e administrativa, são tão inviolaveis como o Rei, como o Chefe do Estado!...

E quando um galopim eleitoral, feito administrador de concelho ou deputado, passar a incommodar a sociedade com a sua audacia, a sua corrupção e a sua imbecillidade, a imprensa terá de guardar para com esse intrujão que passa triumphante e insolente pela politica, o mesmo respeito e a mesma deferencia que é de boa educação guardar diante da pessoa irresponsavel d'um Rei ou d'um Presidente de Republica.

E voltamos ao mesmo deito da lei anterior, que eu puz em relevo na ultima chronica, que, a ter de escolher entre dois perigos — mais vale gosar da fama de partir em guerra contra o Rei, e de soffrer as consequencias de semelhante audacia, do que partir em guerra contra um simples e vulgar deputado.

Mas o perigo, não para nós jornalistas, mas para a Monarchia que cada dia ha de ver augmentar o numero das antipathias com a publicação d'esta lei, está principalmente na difficuldade para um agente do ministerio publico de poder determinar onde acaba a critica, e onde começa a offensa. D'aqui, uma infinidade de processos, cada qual mais odioso, suscitando uma infinidade de complicações.

Estabelecer um paralelo entre a Monarchia-constitucional e a Republica, ou a Communa, ou a Anarchia, mostrando as vantagens d'estes tres systemas de governo, e mostrando os desastres, as injusticas e as immoralidades a que conduzem as monarchias, e como acabam sempre ensanguentadas (Carlos X. e Luiz-Philippe) — é uma critica, ou é uma offensa?...

E' uma e outra coisa, conforme a intelligencia, a educação critica e historica, o ponto de vista, o espirito liberal, conservador ou reactionario, do agente do ministerio publico.

E uma critica do systema monarchico-cons-

titucional, sob um ponto de vista republicano, communista, anarchista, ou socialista, que eu publique n'um jornal de Lisboa e faça reproduzir n'um jornal do Porto, pode ser lida com favor e sympathia pelo agente do ministerio publico em Lisboa, sem mesmo pela imaginação lhe passar a ideia de me metter em processo: — e pode-me valer cadeia e multa attendendo a que as minhas theorias não são do agrado do agente no Porto!...

E estas reflexões que a nova lei me está sugerindo, podem-me tambem levar directinho ao Limoeiro, attendendo a que a lei do dia 8 de abril de 1890 é, nem mais nem menos, do que a proclamação da absoluta infallibilidade da Monarchia constitucional sobre todas as outras formas de governo, ensaiadas e por ensaia, correndo os hereticos portuguezes todos os riscos penitenciarios e monetarios que se podem razoavelmente correr no anno de 1890, sem offensa, não das liberdades portuguezas, mas do espirito de humanidade e de liberalismo que domina a Europa... excepção feita da Russia.

Um geographo sufficientemente patusco disse um dia que o reino de Portugal ficava em Africa... Para lá vamos caminhando! Se o actual gabinete continua por muito tempo a imaginar-se o unico sustentaculo da Realza, ainda nos deita novo decreto para jornalistas, á maneira do que faz o rei de Dahomé com os prisioneiros. Mette-os, o rei preto, um por um, em cestos, apenas com as cabeças de fóra, como creanças dentro d'um berço. Depois, atira-os do alto do palacio para a praça publica, e são os conselheiros, os grandes da corte, os generaes, e as amazonas do seu estado-maior, que se divertem degolando-os, quando ainda os cestos veem pelo ar...

Lisboa, que tem tanta falta de espectaculos populares que edificuem, devia pedir ao governo que puzesse este em pratica. O Chefe do Estado atirava com os jornalistas das janellas do paço para o meio da rua, e o ministerio, grandes da corte e mais dictadores, iam-lhes cortando as cabeças, ou matando-os a tiro.

Já temos o tiro aos pombos. Passavamos a ter tambem o tiro aos jornalistas!...

E vejam o que são os destinos e os fados adversos! Ainda no dia 7 de abril esta chronica seria considerada pela lei, como escripto inoffensivo. E pela lei do dia 8, qualquer agente do ministerio publico pode hoje metter-me em processo, attendendo a que «recorro a allegorias de pessoas ou paizes e a ficções para evitar a responsabilidade juridica» (art. 5.^o § 5.^o), isto com o proposito de desacreditar as instituições, offender o Rei e os seus ministros!...

E aqui está como uma pessoa se deita hoje socegada, absolutamente innocente perante a lei, para acordar no dia seguinte a caminho da policia correcional...

E que me dizem os senhores ao artigo 11.^o da nova lei?...

«Serão punidas como ultraje publico á moral as publicações de qualquer natureza que contemham palavras, photographias, phototypias, lithographias ou gravuras obscenas, ou que se possam considerar offensivas dos bons costumes, ou como incitamento a actos desonestos.»

Vamos por partes.

Em primeiro lugar, deprehende-se da enumeração das reproduções obscenas, que não se não punidas as photoglyphias, as planotypias, as zinographias, os chromos e outros processos de reprodução que o gabinete actual ainda ignora, apesar de ter creado um ministerio de bellas-artes!...

Em seguida precisamos que o governo mande publicar no *Diário* uma lista das palavras que o governo considera como obscenas, e que é defeso imprimir, assim como uma lista dos assumptos de que os poetas, romancistas e contistas se não podem servir, sem risco de correccional, cadeia e multa.

Quanto ás palavras que possam considerar-se offensivas dos bons costumes, pelos actos que immediatamente suggerem no espirito do leitor, o numero é incalculavel. Por exemplo: — *Adulterio, concubinação, estupro, incesto*, etc. E então nomes proprios?... *Judas, Miguel de Vasconcellos, Aspasia, Messalina, Dom Juan, João Brandão*, etc.

São ou não são palavras criminosas?...

Quanto ás palavras que sejam um incitamento a actos desonestos, pelos actos desonestos que suggerem, temos: — *Fausto, Traviata, Dictadura, Machina eleitoral, Academia de Bellas-Artes, Venus, Pan, Herodes, Primo Baetio* — e tambem por extensão: *Visconde de Melicio*, attendendo a que representou ridiculamente o nosso paiz no Campo de Marte, em 1889, o que me parece assaz desonesto.

Por acaso todas estas palavras ficarão agora fóra da circulação?... E o que precisamos saber para alegria do nosso reino. Porque a lei de 8 de abril é mais uma lei patuasca, do que uma lei de terror.

E assim é melhor. Que o paiz leve tudo isto a rir, aliás podia haver sua gotta de sangue!...

MARIANO PINA.

P.-S. — Se esta minha chronica fór processada, que os meus leitores não aham subscrição publica para occorrer ás despesas do processo e fiança. E' crime da desobediencia, previsto pelo § 5.º do art. 7.º da nova lei. Mas como o legislador nem todo previu, podem abrir subscrição para me offerecerem uma penha d'ouro cravejada de diamantes, que eu devolva ao ourives, e com o producto da venda pago as despesas de justiça. E o meio mais simples de praticar o crime de desobediencia, sem que a lei e os algozes nada tenham que ver com o acto em si!...

M. P.

MINIATURA

O teu vulto faz lembrar
uma estatua branca e leve
feita da espuma do mar
ou de neve.

Ha nas linhas do teu rosto
aquelle suave estylio
e mimosa flor de gosto
de Murillo.

Tens na rosea e branca oval,
meiga como a de Jesus,
uma expressão virginal
que seduz.

Na pupilla acastanhada
duns olhos miridionaes,
tens a luz immaculada
dos crystaes.

Tua mão esculpturada,
como nunca vi assim,
parece mesmo talhada
em marfim.

Essas tranças vastas, loiras
assemelham as meadas
que estendem no monte as moiras
encantadas.

E' teu corpo, meu amor,
d'uma consistencia elastica,
um verdadeiro primor
de arte e plasticia.

GONÇALO SAMPAIO.

A QUESTÃO SOCIAL

Problema social! clamam por todo o mundo.
Tal o grito sinistro e fremente e profundo,
Que abala as multidões, rugindo hallucinadas.
Mais duras do que o aço ativo das espadas.
A vida é para uns o calice do um lyrio,
Por onde poisa a abelha argentea do prazer.
Para outros reduz-se a simples martyrio,
Furioso caudal do mais atroz soffrer.
Aquelle a ventura, harmoniosa e doce,
Salta cheia de amor um canto de paixão.
Tão mansa e virginal como se acaso fosse
Um passarinho a cantar em meio da solidão.
Reverso da medalha, obscuridão completa;
Desespero e terror; aguda como a setta
A dor rompendo vai os seios desditosos.
Choram por toda a parte os gritos clamorosos.
Ha suspiros e pranto e brados e lamentos,
Gehenas de terror, infernos de tormentos.
Rugem as maldições, sibillam os insultos,
E a pouco, de vagar, nos cerebros incultos,
Faz brotar a miseria os mil cardos do crime,
Esse cancro do mal, que os corações opprime,
Fazendo-os propulsar em ancias de rancor,
Como o mar a rugir e a solgar de dor
Debaxo do sereno azul da immensidade.

A Dôr, a Viuvez, a Miséria, a Orphanidade
Dentro si as mãos, ajudam-se á porfia,
Lançando pelo mundo os seus fructos damninhos,
As passo que no romper da rosa luz do dia
Continuam cantando as aves em seus ninhos.
Orphãos a solgar por esse mundo além
Sem carinhos de pae e sem beijos de mãe.
Crianças que nasceis sem luz e sem amor,
Quem foi que vos lançou n'esse abismo de dor?
Oh! mulher infeliz, sem norte e sem destino;
Velho que vais seguindo, exaustão peregrino,
Corvado pela dôr, prostrado de canceira,
Que vais seguindo a custo a tetrica carreira
D'essa miseria atroz, que leva á sepultura,
Por que razão vos quiz a negra desventura,
E a vossa vida foi um rosario de prantos,
As passo que no ar vão milhares de cantos,
As passo que na terra as mil flores resendem?

Os astros virgines que pelo ar esplendem,
Quando a noite desdobra o grande veu luctuoso
São pérolas do ceo, rosicler precioso.
Quando acaso os vejo a scintillar ao longe,
Eu sinto na minha alma a tristeza de um monge,
E pergunto, inquieto, quelle resplendor,
Se n'elle tambem vive o sarcasmo da dôr,
Se n'elle tambem brota o pranto angustiado?

A Dôr, que subjuga o mundo hallucinado
Qual despota cruel, com barão e grilhões,
Vai ella estrangulando os rubros corações,
E vai-lhes arrancando a pouco e pouco a vida.
E ao morrer então, quanta illusão perdida
Vai ao longe a sumir-se exanime e saudosa,
Bem como no outono a folha silenciosa,
Estiolada e morta e carcomida pende
E a andorinha fogaz nos conceptos do azul,
Em busca do fulgor das regiões do sul
O espaço illuminado audaciosa fende.

Humanidade, oh mar ingente do Universo,
Que rude tempestade eleva as tuas aguas?
Tantas imprecações, tanto clamor disperso,
Tanto choro sem fim e tão sentidas maguas!
Que crebro propulsar de aspirações fogosas
Te fazem agitar as aguas monstruosas?
Que batalhar febril de rispidas paixões
Abalam sem cessar teus bravos vagalhões,
A rugir, a gemitir, a retumbar, irrosos,
Taes como n'uma jaula os tigres furiosos,
Taes como no deserto os rabidos lobos.
Oceano colossal, feito de corações,
Que rudes escarcenos quebram as tuas vagas?
Quaes são as toas mil aspirações que allagas,
Teu desejo inquieto ou teu sonhar febril?
Qual será o teu norte e qual o teu Abril?
Quanto dôr vive em ti, quanto prazer doirado
Acaso faz pulsar teu seio vehementemente
Quando por ti perpassa o sopro abençoado
Da paz, filha de Deus, da paz, doce e luzente?

E a Dôr que te agita humanidade nua,
Nos combates da guerra ou nos labores da paz,
E ella que commove o teu enorme peito
E ella que dissipa o teu sonhar desfeito
E ella que soluga em torno ás tuas maguas,
Como em torno ao ruchedo o turbilhão das aguas,
Como em volta do ninho a ave abandonada.

Mas que estranha clamor, que grita hallucinada,
Se eleva sem cessar do teu seio gigante?
Mil irritados sons de accento horripilante,
Traduzindo a miseria e traduzindo a fome,
A aspiração infinda e a magoa que consome,
Brotam, a retumbar, quaes duras ameaças
De hippantropos cruez, armados de couraças,
A subir, a gaigar, n'uma rebellião,
Formidavel, tenaz, olympica, vibrante,
Saltando com furor ao seio da amplidão
O protesto febril de um coração gigante!

De que profunda abismo ou ignorado horror
Acaso vem brotando esse infernal clamor?
Que peito monstruoso expella aquelle grito,
Que parece irromper dos labios de um preito?
E a voz temerosa e soluçante e triste
D'aquelles para quem nunca a ventura existe,
D'aquelles para quem o sol não tem clarões,
Nem flores tem Abril, nem a mante illusões,
D'aquelles que a chorar, clamam por todo o mundo,
Que tenham compaixão do seu penar profundo.
Esse que ao despontar dos seus primeiros annos,
Logo sentem em si mil rudes dosenganos,
Esse que vão passando aos mil baldões a vida,
Sem um affecto bom, sem que uma voz querida,
Lhes adoe o viver angustiado e frio
Como um raio de luz n'um carcere sombrio.
Esse que sempre e sempre anciam a lidar
Nas mil occupações d'um rude batalhar,
Para alcançar um pão, para ganhar um leito,
Miseria enxerga nua, onde ao findar do dia,
Possa um pouco dormir o coração no peito,
E se possa esquecer a miseria sombria.
E tristes, a chorar, sem luz e sem calor,
Esse pacias da sorte, impotuosamente,
Sentem em si brotar um infernal furor,
E cheios d'uma raiva, estridula, demente,
Ante o desequilibrio, enorme, social,
Vem-lhes ao coração a serpente do mal;
E rudes, a bramir, lançam por todo o mundo,
Um brado de protesto, alívio e gemebundo,
Surgem aqui e alli então as barricadas,
Trovejam os canhões e chocam-se as espadas,
Corre por toda a parte o sangue fumejante,
E como o segador, a morte, a morte errante,
Vai rapida ceifando as tremulas espigas,
E mil prantos e ais suffocam as cantigas.
Sómente o Christianismo essa moral sublime,
Que enchuga todo o pranto e dá perdão ao crime,
Doutrina que brotou dos labios de Jesus,
Santa doutrina ideal, lyrio de eterna luz;
Estrella da manhã de vivido fulgor,
Que ás trevas presta luz e ao coração amor.
Um balsamo suave e limpo e subtil,
Doce como o frascor de uma rosa de Abril,
Religião sublime alva como a cecem,
Tão pura como a neve e bella como o Bem;
Ella que sustentou o mundo em paroxysmos,
Por entre o espedaçar de rudes cataclysmos;
Ella que dá as leis á moral e ao direito,
Ella que faz pulsar o coração no peito,
N'essa dilatação de infinda caridade,
Ella só poderá prestar á humanidade,
O bem e a justiça, a paz e a ventura,
Esplendor ideal da eterna formosura,
Que tingir de carmin as illusões da vida.
Ella só poderá á classe deprimida
Dizer que se engrandeça á força de trabalho,
E fazer que lhe ceda o pão e o agasalho,
Aquella que sorri em gosos opulentos,
E assim para o porvir, dispersos os lamentos,
Cessando a pouco e pouco os brados dos famintos
D'essa religião que angelou o mundo,
Tornar-se-hão de novo os horizontes tintos.
E erguer-se-hão então um clamor profundo,
A bomdizer em coro a luz das consciencias,
Que surgirá então n'essa quadra ditosa,
Tão doce e virginal, tão bella e tam formosa,
Como uma pomba branca a voar pelo azul,
Como a cruz a brilhar nas regiões do sul.

Porto, 1890.

ALFREDO ALVES.



CHRONICA RIMADA

Tive, ha dias, um convite
Amavel, digno que:
"Abril, príncipe d'élite,
Recêbe na noite de..."

Puz a casaca bordada,
Com pontos de fina renda,
Uma casaca emplumada...
E aluguei uma commenda.

Tomou calce de gálfo
Focinho de violetas,
Tendo — que luxo! — a puçal-a
Parcelhas de borboletas.

Mandei bater: No caminho
Encontrei mil convidadas,
Cabras com mantos de arminho,
Ritões endomingados.

Quando cheguei ao portal
Desses palácios phantásticos,
Uma rosa virginal
Atava as ligas de elastico.

Dei-lhe o meu braço e seguimos
Ella coquette, eu pedante...
Poeta uma ditalia nos vinhos
A namorar um regato.

A poucos passos presinto
Na sombra, occultos, impunes,
Uma tulipa e um jasmim...
— Não era o Jacintho Nunes —

A rosa cobriu o rosto,
Perden a cor, o perfume,
Não sei bem se de desgosto,
Não sei bem se de ciúme.

Nervosa, como a mulher,
Disfarçar não soube a magna...
E pediu ao malmequer
Que lhe desse um copo d'agua.

Vejo n'um canto, esquecida,
Sósia e triste uma anêmona...
Na rima é muito pa'cida
Com essa infeliz — Desdemona.

Um grupo de madrugadas
Mais além borboleteia,
Que riam as gargalhadas
De eu ir de calção e meia.

Dizem n'um tom gallisteiro,
N'uma fallinha mui terna:
— Devia ser conselheiro
Quem possua tão linda perna.

Rotundo como um burguez
Murmura um mangriscão:
— Ando a pensar, ha um meiz,
N'uma c'rona de barão.

É um lyrio sentimental
Laarynyoso diz-me: — Pense
Em mim, ó Mowra Cabral,
Quevo ser amannense.

O Serpa, em tempos de out'ora
Faz-me uma quidra, um soneto...
Molta de empenho uma aurora
E umas abelhas do Hymeto...

Ale — contal-o faz pena —
Triste flor de laranjeira
Pede, por bocca pequena,
Um logar... de apalpadeira.

Velho, pobre e todo calvo,
Soffrendo de rheumatismo,
Nota, com ar de papalvo,
Aposentado o Lyrisimo

A festa está destimbrante
Em grande tenue Abril
A' sua corte flamante
Mostra o seu ar senhoril.

As brisas, hymnos de galas
Sopram aos seus cornetas...
Alerta! Poramim em alas
Dobis batalhões de jatinhas.

A Primavera adoravel,
Entre vistosas grinaldas,
Vinha festiva, admiravel,
N'um palanquin de esmeraldas.

Sustento a princeza eu vejo
Seis robustos gyra-vies...
Abre o lucido cortejo
Fanfarras de roux-vies.

Servem de damas de honor
Rosas com grandes decotes,
Que fazem panas de amor
A um bando de myosotis.

O Joveiro bem longe, ausente,
Manda as ultimas camelias;
Vão seguindo, tristemente,
Como um sequito de Ophelias.

Gardenias muito catilas
Mostrando as fessuras corollas,
Denguem com as margaridas
Animadas farandulas.

Revedis aristocratas,
Emi tenetos mui tanto vivos,
Segue-lhes pitulagos galatas
Aos pulcritosos lascivos.

O sol, afinal, apparece
Envoce a brancura das nuvens,
Que illumina esta kermesse...
Copia d'um quadro de Rubens.

For já manhã. O dia
Ferverge o manto real...
E a rosa, que me seguia,
Pede-me a socie de bal.

Saindo, comprimentamos
A pallida luz da aurora...
E, apascomidos, entramos
N'uma tipica de Flora.

Fomos dormir ao Dafundo
N'um gabinete fechado...
— Jesta! que dirá o mundo!..
Diz-me eia em tom enfiado.

Se aquella rosa uma vez
Botára a liz mda da,
Que dizel-os, talvez:
— Sim breção, mas papa!

CARLOS DE MOURA CABRAL.



O PRINCEPE DE BISMARCK

AS NOSSAS GRAVURAS

JORNAES E JORNALISTAS: O O SECULO E O REDACTOR PRINCIPAL MAGALHÃES LIMA. — Ha muito que a ILUSTRAÇÃO

tem reservado um lugar na sua serie dos *Jornaes e Jornalistas* de Portugal e do Brazil ao jornal que maior circulação tem hoje em Lisboa, e ao sympathico jornalista que, apesar da sua energica attitudão de combate, tem conservado a estima e a sympathia de todos os seus collegas da imprensa portugueza.

As ideias que Magalhães Lima advoga, o seu grito quotidião de: « Abaixo a monarchia! » reproduzido em 30 e 40.000 mil exemplares do *Seculo*, não são de molde a torná-lo excessivamente apreciado dos milhares e milhares de individuos que vivem vida regulada á sombra dos partidos monarchicos, graças á galopante eleitoral a que se dedicaram de coração. Pois apesar d'estes milhares e milhares de antipathias e dos fúrricos que contra si tem erguido, Magalhães Lima tem sabido conservar uma certa serenidade e um certo sorriso de philosopho que o tornam altamente apreciado de todos quantos, não sendo *republicanos*, também não são nem *regeneradores*, nem *progressistas*, nem mesmo *esquerdistas*. Porque um geral, os chamados *políticos*, só vêem estes quatro grupos, e não contam com o mais numerozo, com aquelle a que eu e tu, leitor amigo, pertencemos, com o grupo dos que estão fora de todos os grupos, com os espectadores da grande farça politica, com o grupo dos *independentes*, que um dia também se decidirá a entrar em scena para dar a victoria ao mais vigoroso e ao mais honesto dos grupos em acção.

Varias razões de actualidade politica nos impellem a dar hoje o retrato de Magalhães Lima, acompanhado d'uma redução do *Seculo*. Mas não são essas as principaes. A principal é uma divida de gratidão que ha muito temos em aberto — desde que Mariano Pina foi a Lisboa, em fevereiro de 1889, para defender na imprensa a questão da representação portugueza na Exposição Universal de Paris.

A historia merece contada, porque é uma das paginas mais honrosas para a historia do *Seculo*, o que muito enobrece o caracter do seu principal redactor.

Mariano Pina nunca até hoje tem querido entrar na politica, apesar da diferentes convites que directa ou indirectamente lhe tem sido feitos por parte de certos *partidos*. — e tem preferido sempre a sua modesta mas independente situação litteraria e critica, a situação lucrativa, mas indecorosa, de *marionette* movendo-se as ordens do chefe X... ou do chefe Z...

Quando em fevereiro de 1889 foi a Lisboa para defender a representação da nossa agricultura e das nossas colonias na Exposição de Paris, que até ali estavam postas de parte, graças ás intrigas, politiquices e peloticas industriais e industriaes de sua insignificancia, o sr. Visconde de Melico; — Mariano Pina não encontrou um unico jornal monarchico das suas relações que quizesse publicar-lhe uma serie d'artigos acerca do modo como Melico se estava occupando da representação de Portugal em Paris! Todos os jornaes se desculparam: uns porque não queriam levantar embaracoso gabinete; outros porque estavam mal com agricultura portugueza, desde que os agricultores se haviam reunido em congresso; e outros porque entendiam que Melico era uma excellente pessoa, e se devia deixar Melico ajeitando em paz em Paris, apesar de que com isso soffresse o bom nome do Portugal!...

Um dia, indignado com semelhantes mollezas, esdravidades e transigencias d'uma imprensa que tantos ares se dá de independente, e que não é capaz de espirrar francamente com medo de cabir em desgraça a tal ministro, ou a tal visconde; — Mariano Pina procurou Magalhães Lima e contou-lhe o que se passava. E immediatamente Magalhães Lima lhe franqueou a primeira pagina do *Seculo*, absolutamente, sem fazer a menor restricção, sem fazer a mais leve critica ao tom em que os artigos eram escriptos, isto apenas por um espirito de justiça, e de verdade, e para bem da representação nacional em Paris.

O que d'esses artigos resultou, todos o sabem: — a

installação por Bordenallo Pinheiro, no pavilhão do qual d'Orsay, das nossas secções agricola e colonial. Sem o *Seculo*, a campanha sustentada por Mariano Pina nunca teria tido lugar. Sem o *Seculo*, sem a sua liberdade e independencia de critica, nunca Portugal teria conseguido representar-se, como se representou, no grande certamen de 1889.

O *Seculo* e o seu principal redactor tem pois grandes titulos á nossa estima e á nossa sympathia. Quanto á sua politica, e á uma nova corrente de ideias que o *Seculo* abriu na sociedade portugueza, sobretudo nas camadas populares, nada temos que dizer. São problemas sociais do maximo alcance, que hoje ninguém poderá criticar com justiça, porque todos mais ou menos somos influenciados pela lucta.

O que é um facto positivo e terrivel, é que o espirito politico da nação portugueza se debate neste momento entre grandes incertezas. O statu quo é impossivel. Tem de haver fatalmente uma transformação. Quem tem elementos para a fazer?... Os partidos monarchicos, ou os seus inimigos?... Certamente aquelle partido que apresentar um mais largo programma de justiça, e de moralidade nos costumes!



O GENERAL DE CAPRIVI

Novo chanceler do imperio da Alemanha

A transformação tem de ser fatal, e impõe-se com urgencia. Ha mil questões que precisam ser resolvidas; ha novas gerações que reclamam o seu lugar ao sol e o seu direito á vida, e cujas ambições são incomprehendidas dos velhos partidos monarchicos, que só tem olhos para o passado, e que fazem todo o possivel para não crer o olhar para o futuro...

Ai d'aquelles que não quiserem obedecer á corrente, ou a não quiserem guiar, preferindo impôr-lhes os seus caprichos e as suas phantasias, — porque serão fatalmente vencidos!

Hoje não se governam povos, como se guardam rebanhos de gado. Os Cezares, em vez de absolutos, tornam-se socialistas — sacrificando ao problema social os genios conservadores como Bismarck. Quer dizer: que os monarchas escutam com mais attenção a voz das classes que os uivos dos partidos.

Em Portugal, o novo problema desponta no horizonte — ou governar com as classes, ou governar com os partidos. Esperemos que os espiritos esclarecidos saibam indicar o bom caminho aquelle que tem nas suas mãos os destinos da patria, para que não

tenhamos de assistir ou de tomar parte em luctas que antevemos sombrias...

Porque a excitação é grande, e em luctas proximas pode não só correr tinta, — mas até sangue!...

A SUBScripção NACIONAL. — A nossa gravura, feita sobre um *croquis* do sympathico correspondente em Lisboa da ILUSTRAÇÃO e do *Monde Illustré*, o sr. Freire, alumno da Academia de Lisboa, representa a fachada do theatro de D. Maria, em Lisboa, do lado onde funciona a commissão da grande subscrição nacional para a defesa da patria, subscrição que hoje está em cerca de 250 contos, contando nesta somma com os 85 contos da subscrição da Família Real e com os 100 contos da Camara Municipal de Lisboa.

Vê-se pois — com tristeza — que se está longe de atingir as *centenas e centenas de contos* com que tanto contava a commissão, para ao menos offerecer um couroço ao Estado, ou ajudar em larga escala a despesa com os trabalhos de defesa do porto de Lisboa.

Alguns jornaes, entre elles o nosso collega o *Economista*, tem procurado explicar este retrahimento das bolsas portuguezas, em consequencia do mal que vão todos os negocios, das crises que atravessamos, e do quanto sahio cara para Portugal a Exposição de Paris, onde toda a gente quiz ir, mesmo á custa dos maiores sacrificios.

Mas também, porque não havemos de dizer francamente que uma das causas d'este retrahimento é a ignorancia em que está toda a paiz acerca do que é Africa, e das nossas colonias? Como querem que os capitães corram para a defesa de territorios com os quaes se sabe perfeitamente que nada lucramos, e que apenas representam onerosos encargos para o thesouro?

Os governos não tem sabido sequer equilibrar os orçamentos coloniales. Só sabemos que ha colonias, porque sugam o dinheiro dos contribuintes da metropole. E só sabemos que ha colonias quando garantimos algum juro de 5 o/o a uma companhia de navegação ou de caminhos de ferro, ou temos de pagar alguma indemnisação resultado d'algum disparato do ministerio da marinha.

N'estas condições é difficil exigir do capital portuguez que seja patriota, pois que o patriotismo quando exige sacrificio precisa ser esclarecido.

De todo o conflicto nacional só sabemos que fomos insultados pela Inglaterra, e em especial por lord Salisbury. Mas o que ainda ninguém sabe em Portugal é o que monetariamente perdemos, com a perda da Mashona. Em quanto que em Londres se sabe perfeitamente quantos milhões sterlingos podem valer os terrenos que lord Salisbury se apropriou, com o seu ultimatum de 11 de janeiro.

E' este platonismo africano que nos mata, — esta ignorancia que nós devemos á velha politica *fontista*, achando o nosso ministerio da marinha e das colonias apenas hom para retiro de poetas com veleidades de estadistas.

E querem os senhores que as bolsas portuguezas sejam patriotas! E não querem que a onda dos descontentes cresça de dia para dia! Mas como não hade a onda crescer, se são os velhos, ou os herdeiros de velhos principios, que querem domar as novas gerações?...

Dêem-nos primeiro confiança no futuro, se querem o nosso apoio incondicional no presente. Aliás cruzaremos os braços, á espera que os velhos principios morram por si... attendendo a que não podem durar muitas horas!

CHRONICA RIMADA. — A primorosa chronica em verso que nos foi mandada de Lisboa pelo nosso querido amigo e sympathico collaborador C. de Moura de Cabral, vai illustrada com um *encadrement* original de Augusto Pina.

Nós pedimos aos criticos officiaes d'arte, que hoje medram aos centos pelas ruas de Lisboa, a indulgencia que merece um rapaz de desoitto annos, que a Academia de Lisboa conservou dois annos, conforme o regulamento, a copiar *estampas*, e que em poucos mezes uma academia de Paris collocou em frente do modelo nu, fazendo-o trabalhar conjun-

tamente com artistas que expõem todos os annos no Salon.

O encadrement da chronica de Moura Cabral é uma phantasia hesitante na que respeita a composição geral, mas onde se adivinha já certas elegancias de traço e de detalhe que nos denunciam para d'aqui a alguns annos um brilhante collaborador artistico.

O PRINCEPE DE BISMARCK — A demissão do sr. de Bismarck de chanceller do imperio da Alemanha, demissão que foi aceite sem hesitações pelo Imperador Guilherme II, está tendo o assumpto de todas as conservas em todos os centros politicos do mundo inteiro, e a causa de graves apprehensões acerca da politica do novo Cesar e dos destinos da Europa.

A noticia da demissão appareceu no *Monitor official do Imperio allemão*, no dia 20 de março ultimo. Guilherme II dirigio n'esse dia uma carta ao illustre fundador do imperio allemão, imperio construido sobre as famosas catastrophes do exercito francez e victorias dos exercitos prussianos, carta pela qual lhe conferia o titulo de general de cavallaria, com o titulo de feld-marchal. N'uma outra carta o imperador conferia-lhe o titulo de duque de Lauenburgo.

O principe de Bismarck deixou no dia 29 de março, ás 5 horas da tarde, o palacio de Wilhelmsstrasse, palacio da chancelleria, onde habitava. A multidão que o esperava nas ruas, desde o palacio até á gare de Hamburgo, era incalculavel. No trem que o conduzia á gare, ia Bismarck, seu filho o conde Herbert, e o cão favorito do principe. A aclamação que o publico fez a Bismarck foi delirante, e o velho chanceller, com as lagrimas nos olhos, dizia adeus ao povo de Berlim, mas affirmando sempre que nunca mais voltaria a occupar-se de politica. Beijavam-lhe as mãos, e de todas as janellas choviam ramos de flores sobre a carruagem. A nossa gravura dá uma ideia d'estas scenas.

Bismarck retirou-se com toda a sua familia para a sua residencia favorita de Friedrichsruhe onde no dia 1.º de abril festejou o seu 75.º anniversario natalicio.

Continua vivendo no mysterio, a razão d'esta brusca separação de Guilherme II e do seu chanceller, separação que muda totalmente a face da politica europeia. Já chamam ao moço imperador o *Cesar socialista*... Isto quer dizer que Guilherme tenta resolver os mais complicados problemas sociais, que a questão social na Alemanha preoccupa vivamente o seu espirito. E como Bismarck se achava em antagonismo com as theorias do seu imperador e amo, este supprimio Bismarck, tomando sobre si todas as responsabilidades da nova politica.

O que se pode porém concluir de tudo o que se diz e de tudo o que se tem escripto acerca de novo imperador e do velho chanceller, — é que Guilherme II estava desejoso de fazer politica sua, segundo o seu temperamento, o seu modo pessoal de ver os homens, os partidos e as nações; e que o velho Bismarck ao lado d'aquella irrequieta mocidade que conta apenas 30 annos, representava o espectro do passado, o mentor frio e inexoravel, que parecia considerar Guilherme, não como o imperador de facto, mas ainda como sendo o neto de Guilherme I.

Quer dizer: o velho considerava a morte de Guilherme I como uma simples ausencia temporaria, e o reinado de Guilherme II como uma simples regencia, da qual elle seria a alma e a força, enquanto elle Bismarck fosse d'este mundo...

Seriam exaggeradas as suas pretensões?... Toda a Europa diz que não, porque toda a Europa está d'accordo em que a Alemanha de 1870 é obra exclusiva de Bismarck, e que sem Bismarck, Guilherme II não teria hoje na cabeça a coroa de imperador, e não se veria a frente de 42 milhões de subditos e 6 milhões de soldados.

Seis milhões de soldados!... Guilherme II tem hoje em armas mais homens, do que subditos possui o rei de Portugal!

Será esta força, de que elle dispõe como senhor absoluto, que tanto o embriaga? Querá Guilherme II, caracolando á frente dos seus seis milhões de soldados, emprender através da Europa os mesmos exercicios militares de Napoleão I — conter em respeito a Rússia, liquidar militarmente a questão do Oriente, formar o imperio iberico com a absorção de Portugal pela Hespanha, esmagar em seguida a Republica franceza, e aniquillar a influencia ingleza em toda a costa oriental d'Africa?

Andará elle agitado por visões de conquistas e de batalhas; por uma reforma completa da carta da

Europa, para assim estender o seu imperio e poder implacavelmente soffocar o movimento socialista que prometteu abalar-the throne?...?

RECORDAÇÕES DA EXPOSIÇÃO: A

FONTE MONUMENTAL DO CAMPO DE MARTE — No dia 5 de maio proximo vai fazer um anno que se inaugurou em Paris, a grande Exposição Universal. No dia 5 de maio, um grande banquete de todos os commissarios francezes e estrangeiros que se acharem em Paris, solemnizará esta data, já hoje famosa, da grande festa do Trabalho e da Intelligencia, este dia 5 em que a França republicana — segundo uma feliz expressão do nosso sympathico collaborador Jayme de Segnier — declarou a paz á Europa! O banquete, que deve ser de 500 talheiros, realizar-se-ha no Campo de Marte, na galeria d'honra, que ainda se conserva de pé, e que fica sob o grande timbório que se destaca ao fundo da nossa gravura.

Por uma sabida e patriótica resolução do Estado e do Conselho municipal de Paris, graças aos esforços de M. Alphand, director geral dos trabalhos da Exposição — o Campo de Marte tal qual elle era em 1889, continuará a existir. Continuarão existindo os palacios das Bellas-Artes, Artes-Libres, galeria d'honra, galeria das Machinas, os jardins do Campo de Marte e a fonte monumental que é o assumpto da nossa gravura de hoje.

No proximo mez de maio, abrir-se-ha no palacio de Bellas-Artes a exposição de pintura e esculptura da nova Sociedade de artistas francezes e estrangeiros presidida por Meissonnier. E no dia 5 de maio de 1890, como por encanto, o Campo de Marte ressuscitará tão vivo e tão brilhante como era em 5 de maio de 1889. E assim se prolongará toda a primavera e todo o verão: e assim renascera todos os annos. Juntam-lhe a curiosidade d'uma ascensão á torre Eiffel, e aquellas que não puderam vir a Paris em 1889, terão este anno e nos annos seguintes a illusão de ainda entrarem na Exposição Universal.

A fonte monumental que forma o assumpto da nossa gravura, e donde partiam as fontes luminosas, é obra do escultor Coutan e do architecto Formigé. Quanto ao funcionamento das fontes luminosas, que causaram a admiração de toda a gente, fallaremos em artigo especial, com gravuras technicas explicativas. Esse artigo será publicado n'um proximo numero, quando as fontes luminosas de novo funcionarem.

A nossa gravura representa o Campo de Marte tal qual deve surgir no dia 5 de maio proximo, aos olhos dos parisienses e dos milhares e milhares de estrangeiros que vão chegando a Paris, para aqui passarem os bellos mezes de maio e junho, e o famoso dia do *Grand-Prix de Longjumeaux*.

O GENERAL DE CAPRIVI.

— Foi ao general de Caprivi que Guilherme II conferiu o titulo de chanceller do imperio da Alemanha em substituição do principe de Bismarck.

O general Jorge I eão de Caprivi de Montecuculli de Caprivi nasceu em Berlim no dia 24 de fevereiro de 1831. Seu pae era juiz do supremo tribunal, e a sua mocidade passou-se n'um meio austero e severo.

Aos 18 annos, em 1849, sentou praça no regimento dos granadeiros de Francisco-José. Em 1850 era alferes; em 1855, tenente; e em 1861 entrava como capitão no grande estado-maior. Só ahí permaneceu trez annos. Quando rebentou a guerra de 1866, entrou no estado-maior como major e fez toda a campanha com este grau.

Em 1870, quando rebentou a guerra com a França, era tenente-coronel, chefe de estado-maior do general Von Voigts-Retz; fez as campanhas de Metz e do Loire.

Em 1872 sahio coronel e entrou no estado-maior general, onde se distinguio pelos seus trabalhos sobre a artilheria. Em 1878 foi-lhe dado o commando de Metz, e foi Caprivi que tr'cou os planos das novas fortificações da cidade.

Quando em 1883 o general de Storch abandonou o ministerio da marinha, o imperador Guilherme I nomeou Caprivi vice-almirante e chefe do almirantado.

Só deixou este cargo em 1888, para ir tomar o commando do 1.º corpo, no Hannover.

Toda a carreira do novo chefe da politica allemã é pois militar e somente militar.

Um detalhe curioso: O general Caprivi, physicamente, parece-se immenso com Bismarck. Durante o tempo que esteve em Berlim como chefe do almirantado, muitas vezes o confundiam na rua com o ex-chanceller.



UM MYSTERIO

(A M. NUH. GRAY)

Mat o velho de aspeito venerando.
Camões.

Viviam sós n'aquelle sanctuario,
— Mar insondavel de faneas arcanos;
Elle seria quasi octogenario
E ella devia ter vinte e dois annos.

Na estreita sala onde agoniza o velho,
Em cheio esplende a clara luz do dia:
Duas cadeiras, uma meza, um espelho,
E em frente ao leito uma photographia.

Na meza antiga recostada ao muro,
De pés em bola e de senil castanho,
Dormita, involta em polimento escuro,
Uma boceta de lavor estranho.

E ao lado um Christo de visões bemditas,
Rosto esvaído sobre os hombros lassos,
Na postura das magoas infinitas,
Cançado alonga os doloridos braços.

Arca-lhe o peito. O doce olhar piedoso,
Em torno esparze, d'um clarão bondoso,
Toda a meiguice que lhe vem do ceo.

Respira em tudo o pequenino ambiente
A santa paz harmoniosa e calma
Que faz do somno aurora transparente
E é como effluvio, em a nação da alma.

A alma d'ella, porque a d'elle é noite,
A d'ella é sonho transparente e vago,
Elle é oceano em tenebroso agito,
Elle é silencio resignado, — é lago.

Quando saíam, toda a visinhança
Abençoava essa familia austera:
Era um velhinho preso a uma criança,
Um roble erguido pelo amor da herã.

Vae em tres annos que ninguém os via,
Juntos, unidos e de braço dado,
Sahir de casa ao resvalar do dia
E a filha, — a noiva, no maior cuidado.

E era de ver a dualidade estranha
Que se casava na maior meiguice:
Cada ruga do velho, — uma montanha,
Cada feição da filha, — uma planície.

Cada ruga do velho ia accusando
Dias e dias de profundas magoas...
Todo o conjunto era oceano ulivando,
Um mar immenso de revoltas aguas.

Cada feição da filha era um exemplo
Da paz tranquilla e monacal d'um crente.
Tinha no rosto a santa paz d'um templo,
Era um lago a dormir profundamente.

Depois de olhar essa tormenta brava
Que era do velho a esplendida attivez,
Parece até que a vista descançava
Quando sorria aquella placidez.

Ultimamente o velho entontecido
Via phantasmas na visão dos sonhos,
Soçorra insomnias, e o olhar varrido
Tomava aspectos sepulchraes, medonhos.

Ja crescendo a alluvião tremenda
D'esse maldito e desvaído enxame...
« Ella exaurida após a lucta horrenda,
Depois do infame... ah! o infame... »



RECORDAÇÕES DA EXPOSIÇÃO DE PARIS. — A FONTE MONUMENTAL DO CAMPO DE MARIE, AINDA EXISTENTE.

N'essas febris apparições phantásticas,
Pregava os olhos na photographia,
E tinha a vista convulsões elasticas,
Rasgava a noite e a solidão mordida.

E lá do fundo iam surgindo as vagas
Do amargo pranto d'uma dôr intensa,
Como se fosse o rebenatar das vagas
Na funda rocha d'uma praia immensa.

E a luz escassa d'uma lamparina,
Que involta em sombras desmaiada brilha,
Rugia o velho: — « E' maldição divina!
Reza por mim, por tua mãe, ô filha! »

Olhava afflicto em derredor da casa,
Fitava a medo a santa creatura,
E cravava depois a vista em braza
Por sobre a moza e na bocca escura.

Pairava sphinge d'um silencio mystico,
— Morto areal varrido pelos ventos, —
No cofre estranho de lavor artistico
Que elle guardava como os avarentos.

Sombras talvez d'um grande crime inulto?
Sangue de pomba ou de chagal? Mystery!
Provas, quem sabe? de martyrio occulto
Na pedra raza d'alguem cemiterio.

Remorsos? Nio! Era um mysterio horrivel.
Eram rugidos de insondaveis zelos;
Eram visões d'uma tragedia incrível,
Que o torturava n'esse pezaedol.

Noites e noites decorreram n'isto.
Quando morria a derradeira estrella,
Fitava a filha o meigo olhar no Christo,
E elle chorava sobre o peito d'ella.

Ella agonisa. O sol splende a cheio;
E em chuva de oiro no ambiente escorro;
Quer ver o sol: é o derradeiro enleio
Da luz que nasce para a luz que morre.

Inclina a frente ao cavernoso tronco,
Arqueia afflicto em agonia horrenda;
Cada soluço d'elle é como um ronco,
Lembra o severo Adamastor da lenda.

Os olhos tentam devassar o immenso
Na barba em ondas que lhe afoga o peito...
Reprime a filha o halito suspenso
Afflicta, anciosa, em derredor do leito...

Quando o velho caiu desamparado,
Como um phantasma que se transfigura,
Ergueu os braços para o céu lavado
Cravando os olhos na bocca escura.

Nunca ninguém ao certo descobrira
Que a ignota causa d'um soffrer tamanho
A guardava, no fundo de saphira,
O negro cofre de lavor estranho.

LUIZ OSÓRIO.

O INGLEZ

Larga passada, um todo esgrouviado,
Cara, cachão e mãos, cor de lagosta,
Atto peçoço, onde a cabeça é posta,
Rubro coiro de sardas mosquado;

Tendo o cabelo um pouco arrapado,
Suissa a meio pau, ao vento exposta,
Olho pequeno de que o vicio gosta,
E as costas de cabide já abalado;

Se vês passar assim por qualquer rua,
Com certa imposição, um tal freguez,
Como quem diz: — que toda a terra é sua, —

Ou ha-de ser fujado, ou ser inglez.
Podes mandal-o á fava, ou á tabia,
Que um vês, dos dois; ou ambos, n'um só vês.

AUGUSTO LUIS.



PORTUGAL E A RENASCENÇA

(Um estudo inédito)

A CONSTITUIÇÃO hereditária e dynastica da parte da aristocracia feudal importou uma profunda metamorphose na sociedade. O século XVI é aquelle em que essa transformação estava integralmente realisada.

§ O feudalismo fora substituído pela monarchia; o poder temporal e o poder espirital, confundidos na Idade-media, tinham-se dividido; e, forte pelo trabalho, apparecera a burguezia. Reata-se, então, a continuidade historica, prendendo-se o mundo moderno ao mundo antigo, evocado na Italia em todas as suas manifestações. — a religião, o direito, a philosophia, a litteratura, a arte, — e logo vulgarisado pela typographia, descoberta por Gutenberg, e pela gravura em cobre, achada por Finiguerra, — um ourives florentino. Renova-se a actividade scientifica das civilisações classicas, interrompida pelo mysticismo demieivico, e a interrogação da natureza, observada em variadissimos aspectos nas longas viagens que a bussola permitia realizar, traz valiosas contribuições á astronomia, á mineralogia, á botânica, á zoologia, á geographia. O platonismo, vencido pela philosophia de Aristoteles, durante o regimen catholico-feudal, dá á poesia um caracter subjectivo, e produz o lyrisimo de Petrarca e de Camões.

A arte domina tudo e todos, convertendo-se n'uma quasi-religião: — as casas perdem o seu caracter defensivo, tornando-se graciosamente accessiveis, e povoam-se de quadros, de estatuas, de tapearias, de moveis em que a severidade medieval da forma é disfarçada pelo profuso e pelo caprichoso dos ornatos, suavizada pela contribuição da sculptura e da marchetaria; no vestuario, entram a predominar as rendas, os bordados, as plumas e a seda; as proprias armaduras se convertem em obras-d'arte, como se acaso comprehendessem que só quando o mordente do damasquinador ou o cinzel do lavrante d'ellas houvesse feito desaparecer o antigo caracter, o velho espirito, poderiam caber n'uma civilisação que era fundamentalmente pacifica.

É esta gloriosa epoca de paz e de liberdade de espirito; este luminoso século essencialmente commercial e artistico; este incomparavel periodo em que a revelação do mundo classico evidencia ás civilisações do Occidente a perfeita identidade da sua origem, e lhes dá uma feição unica na esphera da sciencia, da litteratura e da arte, em contraste com as rivalidades que, politicamente, as separavam; esta era festiva em que o homem se revela em toda a sua plenitude, como nos aureos tempos da Grecia; é este complexo phenomeno social que a historia designa pelo nome de — Renascença.

Portugal teve então um momento de predominio. Pelas suas navegações e descobertas inicia o regimen pacifico da industria e do commercio; funda, portanto, a epoca moderna; e synthetisa, naturalmente, esse grande facto n'uma obra-d'arte: — suscita no espirito superior de Camões a maravilhosa concepção dos Lusíadas, — poema em que se crystallisa toda a civilisação do século XVI, onde vai bater, depois de ter átravessado Portugal, esse fulgurantissimo raio de luz, que se chama — a Renascença.

O nesso paiz começou a ser dominado pelo novo espirito no tempo de D. João II.

É então que a auctoridade real se torna perfeitamente independente, e que a auctoridade classica do Renascimento vem reagir sobre a litteratura e a arte da Idade-media. Na architectura, o gothico florido, onde, aos primeiros alvares da liberdade, o povo traduzira em verdadeiras filigrannas de pedra, symbolicas e maravilhosas, os seus votos e as suas crenças, torna-se mais simples, mais regular, menos tumultuoso e phantastica, deante da pureza geometrica das ordens gregas; — e Santa Maria de Belem succede a Santa Maria da Victoria. Na ourivesaria, Gil Vicente abandona o cinzel aos lavrantes e sculptores italianos ou italianizados da Renascença. Na pintura, a tradição flamenga e allemã é suplantada pela influencia da Italia. E o genero faustoso e dramatico de Raphael, de Miguel Angelo, do Perugino, de Paulo Veronez, de Ticiano, destinado antes a assombrar do que a commover, — substitue o estylo gothico, tão minudente, e d'uma tão admiravel finura de execução. Na poesia dramatica, o theatro classico triumpho dos velhos autos medievais, transportados das egrejas para a corte. No genero lyrico, o subjectivismo vago de Petrarca, e o verso endecasyllabo tomam o lugar do nosso lyrisimo tradicional e da redondilha. Na epopéa, Camões cinge-se á forma classica, — embora só na arte, porque o seu altissimo engenho levou-o a inspirar-se das tradições nacionaes. Na historia, o latin é preferido ao portuguez, separando-se, portanto, o escriptor do povo, a litteratura da nacionalidade. No direito, emfim, a autonomia dos *foraes* é substituida por uma unificação, calcada sobre as leis de Roma, que a Italia nunca tinha esquecido.

N'uma palavra: — toda a evolução da Idade-media foi interrompida pelo deslumbrante resurgir das civilisações classicas.

JOSÉ PESSANHA.



O PRESENTE

COM um embrulho n'uma das mãos, e na outra um papel amarrotado, o bom velhote já cansado, subia a passos lentos a Calçada do Maine, parando depois de dar algumas passadas e olhando para todas as portas, soletando os numeros. Mas desesperado olhava para o pedaço de papel, onde vinha o *adresse*, como se entre os algarismos e este subscripto houvesse uma relação mysteriosa, e que elle não podia encontrar...

— Psiu! Eh! que procura? perguntou por traz d'elle uma voz rude.

O velhote voltou-se e deparou com um policia.

— Perdão! disse elle ao agente, retirando o seu chapéu. Desejava saber onde é aqui o Asylo de Maternidade, 201, Avenida do Maine?

— Eu o acompanho... E o policia levou o velho até á porta do Asylo.

Este homem era um cantoneiro, vestido com a blusa tradicional, chapéu de coiro, calças cinzentas arregaçadas até ao meio da perna, e que vinha da sua aldeia até Paris.

A irmã rodeira, que veio abrir-lhe a porta, fazendo grande barulho com o rosario, perguntou-lhe asperamente:

— Quem procura?

O cantoneiro, um pouco commovido, não pôde responder. Os cantos da bocca torceram-se, e o queixo começou a tremer-lhe.

— Sou o pae da Maria; disse. E com as palpebras semi-abertas em que a angustia immensa se notava o velho esperou.

— Maria... Maria? repetiu a irmã. Ella não tem outro nome?

Sem duvida as Marias eram muitas no Asylo.

O cantoneiro teve um minuto de hesitação. Parecia-lhe exequisto que a sua filha não fosse mulher conhecida na casa.

— Sim senhora... Maria Augamarre, respondeu o velho.

— Ah!... ah!...

E como a religiosa fizesse um movimento de queixo como quem se quer lembrar de alguma coisa, a voz do bom velho murmurou:

— Como vai ella, a minha Maria?

A rodeira respondeu-lhe sorrindo:

— Bem, admiravelmente. Ella vai ficar muito contente de o ver. Entre-se faz favor.

Elle obedeceu, e seguindo o *frou-frou* do rosário, atravessou um grande pateo. Um jardineiro carregava terra n'um carro de mão. Debaixo das arvores, sobre os bancos, viam-se mulheres ainda muito novas, passeando com as crianças ao collo, e cantarolando para as adormecer. Estas canções das amas e o jardineiro deram-lhe a esperança, e demais a porta do jardim parecia muito estreita para dar passagem a um caixão.

Foi, pois, seguro de si mesmo, que elle entrou no locutorio para ali esperar a superiora — Esta era uma mulher madura, um pouco gorda e solemne. Quando entrou fez uma grande reverencia. A perturbação do cantoneiro augmentou; tantas atenções pareciam-lhe de mau auguro. E mesmo que na atropalhadação pouco faltou para deixar cahir o chapéu e o emburlo. Mas como a superiora tivesse repetido a phrase da irmã rodeira: «O meu caro senhor vai ver sua filha», o pobre homem ficou contentissimo, o começou a fallar pelos cotovellos.

O *maire* da sua terra tinha-lhe dito que em Paris necessitavam da certidão de idade de Maria. Elle bem sabia o que isso queria dizer, os papeis! Quando os pediam era por que as pessoas estavam mortas ou quasi. As cousas tinham-se passado assim, havia tres mezes antes, quando o filho lhe morreu em Africa.

..

Havia sete dias que elle marchava a pé desde a sua aldeia, comendo á pressa, e dormindo nos palheiros.

Chegado a Paris, tinha ido ver a antiga patroa de sua filha. Não quizeram recebê-lo, mandaram-o ir ao Asylo.

A superiora, depois de o ter escutado com unção religiosa, e já habituada a ouvir historias d'essas, deixou-o terminar, o perguntou-lhe:

— Sabe porque é que Maria veio para esta casa?

— Pouco me importa, o que eu quero é saber se ella vai de saúde...

— Foi uma infelicidade...

— Hein? Quebrou alguma coisa? Uma perna, ou um braço?

A superiora disse-lhe que não com a cabeça, e perguntou:

— Que viu no jardim?

— Nada de mau, um homem carregando terra, e raparigas que cantavam com crianças nos braços...

A religiosa olhava-lhe para a cara; afirmou de ver ali estampado o pensamento do velho.

— ...Então não adivinha?

Mas o pobre homem abanava lentamente a cabeça, não querendo comprehender; quando os seus olhos encontraram os da superiora, e a pergunta que os seus labios se recusavam a articular foi feita pelo olhar.

— Sim, um filho, disse a irmã, com um tom grave.

Então, elle deixou-se cahir para traz sobre a cadeira, escondeu a cabeça nas mãos e começou a chorar.

A religiosa callou-se, para deixar passar a tempestade. Mas como o velho não terminava de gemer, dizendo: Oh! meu Deus! Que desgraça! com gritos que fazia tremer toda a sala, ella tocou-lhe no hombro.

— E' preciso perdoar á sua Maria.

O cantoneiro começou a abanar a cabeça e a olhar para os sapatos; a superiora disse-lhe:

— Vamos senhor, não pode ser mais severo que aquelle que está alli. E a irmã indicava um quadro que representava o Bom Pastor.

O pae olhou vagamente para o quadro, e as lagrimas rebentaram-lhe com mais força.

Não dizia palavra; então a superiora, abrindo a porta, chamou:

— Maria! Desça depressa!

E como o pae fizesse um signal de que não queria vel-a, a superiora disse-lhe com severidade:

— Creio que não lhe baterá ao menos!... por causa do leite...

Depois com doçura:

— Pobre rapariga!... o que ella sofreu!

Ouviam-se vozes por detrás da porta, e repentinamente a Maria appareceu com o filho nos braços. A pobre rapariga caminhava com os olhos no chão, muito vermelha, com um ar d'innocencia, um pouco ingenuo mesmo — como essas Marias dos Primitivos que olham para a menininha Jesus que tem sobre os braços, com o espanto do milagre.

Immovel na sua cadeira, sério como um juiz, o pae não levantava os olhos.

A superiora avançou, e pondo-se entre os dois, disse a Maria:

— Dê-me cá seu filho, e ajoelhe diante de seu pae.

A rapariga obedeceu, e lançando o rosto contra o peito do pae, gritou como uma doida:

— Meu pae, perdôa-me, não volte a cabeça, para me não veres!

O velho, commovido, collocou a mão sobre os cabellos louros da filha e murmurou:

— Emfim! Antes isso, que morte!

Maria, toda chorosa, deitou-se ao pescoço do pae e quiz contar-lhe a aventura, justificar-se, mas o velho deteve-a:

— Isso não é commigo! Tu não me consultaste, portanto esses negocios não me dizem respeito. Mostra-me ao menos a criança.

Maria levantou-se, pegou no filho, e uniu-o ao coração. E como o avô se inclinasse para o ver, elle levantou o véu que cobria o rosto do patizito.

O velho olhava com uma curiosidade instintiva, mais forte que a sua dor, para este ser sahido das entranhas de sua filha, em que elle, pobre e velho, revivia pela segunda vez, e perguntou-lhe:

— Como se chama elle?

— João, como tu, papá!

O cantoneiro, espantado, disse:

— Como eu? Então o pae abandonou-o?

Elle baixou a cabeça, sem responder, começando a chorar.

— Então, disse a superiora, visto que já lhe perdoaram... pois não é assim, sr. Augamarre?

— Assim é, visto que é necessario, respondeu o pae. E dizendo isto, levantou-se para sahir.

Havia já alguns minutos que os seus olhares se dirigiam para o emburlo que collocara sobre uma cadeira; parecia-lhe que tinha alguma coisa a dizer, mas que não podia proferir.

A superiora notou a sua inquietação e para o pôr á vontade, perguntou-lhe:

— Para que está a olhar? Diga-me: não tem recommendação alguma a fazer-me?

O velho já estava de pé, com o emburlo na mão.

— E' verdade que sim!... Peço-lhe, querida irmã, o grande favor de arranjar um lugar para a minha Maria e de nos mandar o nosso neto, se ella promette portar-se bem d'aqui para o futuro.

Depois, cumprimentando, sahiu. Maria acompanhava o pae, sem dizerem palavra um ao outro, atravessaram o jardiminho em que o homem continuava a encetar de terra a carriola, e chegaram á porta da rua, o pae disse á filha,

— Vem commigo até ali á esquina da rua.

A filha foi com elle, e chegados ali, e sem tornarem a fallar de coisa alguma, o velho abraçou e beijou ternamente a filha. E tendo olhado para todos os lados, e certo de que ninguem o via do Asylo, desamarrou o lenço e tirou um grande bolo d'ovos e farinha fina.

— Aqui tens, disse elle, era o presente do anno novo que eu trazia para as boas irmãs que te tractaram. Mas tu bem vês como elle está, parece uma pedra, ha sete dias que vem aqui dentro do lenço, e não ousei offerecel-o. Tive vergonha; tu pedir-lhe-has muitas desculpas e dar-lhe-o-has, sim? Eu é que não posso voltar com elle, tua mãe ficaria muito triste se o fizesse. Adeus!

HUGUES LE ROUX.

TSARINE PO DE ARROZ RUSSO
Adiantado, Suavizado, Isolado
PREPARADO POR VIOLETT
30, Rue de l'Alma, PARIS

A REVISTA DAS REVISTAS

Publicamos em seguida, para complemento da gravura da nossa primeira pagina, o manifesto que a commissão executiva da subscrição nacional dirigiu a todo o paiz. Este documento é devido á penha de illustre jornalista, director politico do *Diá*, sr. Antonio Ennes. E a sua redacção foi-lhe confiada por proposta do sr. Fernando Palha, membro da Commissão executiva, antigo presidente da Camara municipal de Lisboa, e hoje deputado pela capital.

SUBSCRIPÇÃO NACIONAL

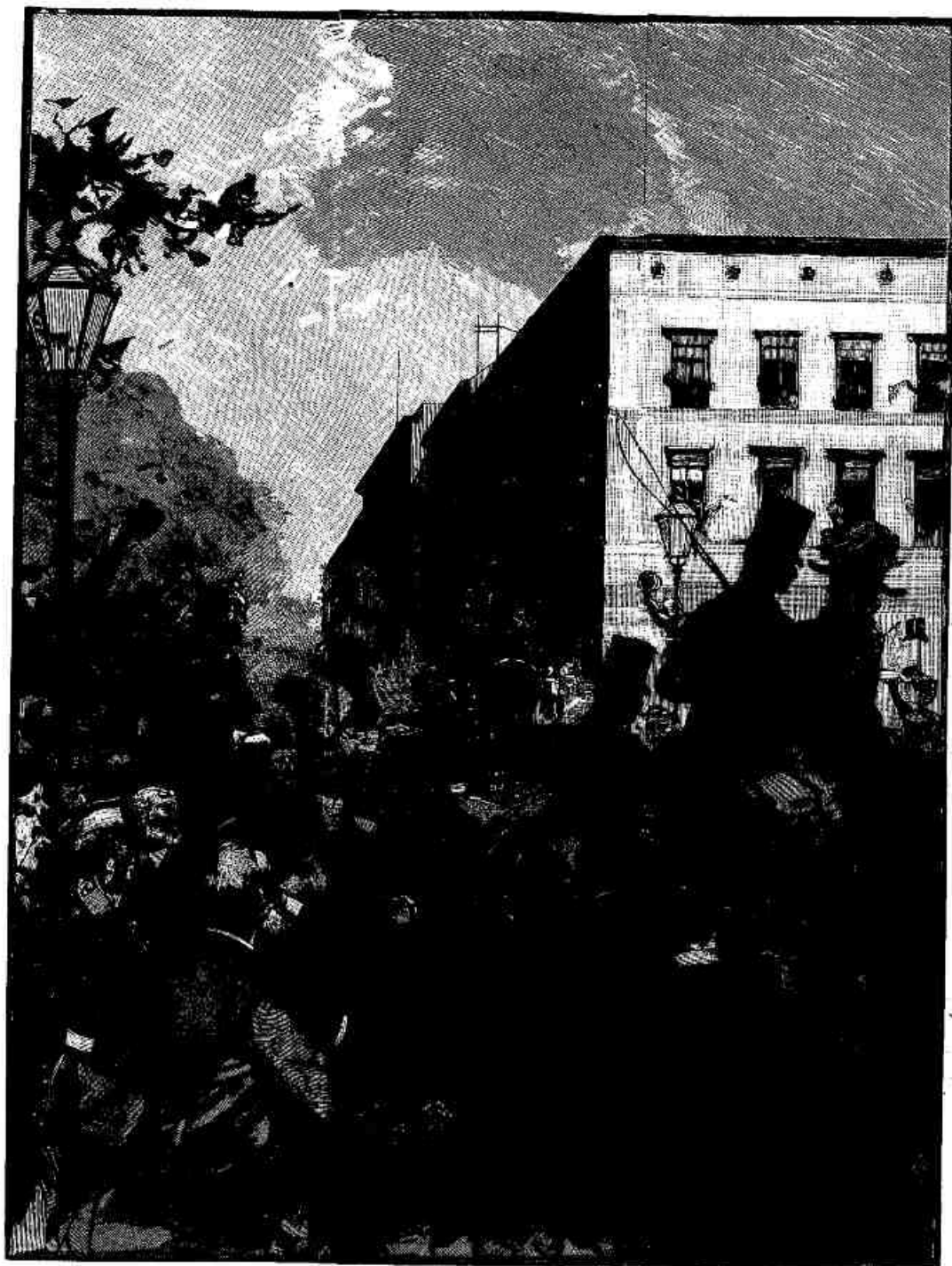
O MANIFESTO AO PAIZ

Séculos de alliança e de amizade, a que fomos tão leaes que parecemos submissos, não obstaram a que a Grã-Bretanha, uma vez que o nosso direito resistiu ao seu interesse e o nosso brio lhe contrariou a soberba, passasse por cima de nós e dos tratados com a arrogancia desdenhosa com que um dos seus coraçoados metteria a pique a piroga de selvagens, que se atravessasse na praça. A enormidade da affronta immerecida, o attentado prepotente contra direitos historicos, remotos sim, mas que se ganhavam balisando mares desconhecidos com destroços de naufragios e riscando verdades nos sertões com sangue de heróes e martyres, uniram as vozes de todos os portuguezes n'um protesto vehemente e levantaram-lhes os braços n'um phrenesi de dor. Mas a defeza e o protesto contra o poderio immenso, que sentese como juiz irrepresentavel n'um pleito em que era parte só porque maneja uma espada que d'um revez faria pedaços a espada da Justiça, não podia ser a guerra, — duello iniquo da fraqueza com a força, investida tréscula de peitos n'as muralhas de aço, combate sobrehumano d'um galeão de século XV com o moderno Leviathan.

Buscaram-se, pois, outras formas de manifestar ao mundo que se Portugal se rendia não se humilhava, se padecia o insulto não desistia do desaggravo, se recuava das margens do Chire e do Sanhate não arreava a bandeira do seu imperio africano, e logo o patriotismo, dospersuadido, de rasgar as veias na loucura da resistencia, offereceu as bolsas á providencia. Iniciaram-se por toda a parte n'uma espontanea porfia de generosidade, subscrições para a defeza nacional.

Estas subscrições não são um soccorro ao Estado, são um manifesto do paiz.

O estado tem rendas e tem credito para prover á possível segurança do territorio portuguez; mas o espirito nacional desejava que as armas que se fossem e as muralhas que se erigissem por voto de desaggravo, não tivessem o selo do fisco, que é a imposição, nem o carimbo do emprestimo, que é o negocio, antes fossem marcadas com um brazão de amor patrio, que recordasse sempre, aos soldados que as brandissem e aos cidadãos que as guarnecessem, que estava ali com elles, a alentar-lhes o esforço e agradecer-lhes o sacrificio, a alma heroica da nação. Também se pretendeu que as subscrições fossem um como plebiscito, em que todos os portuguezes declarassem o seu proposito de con-



A SAHIDA DE BERLIM DO PRINCIPE DE BISMARCK

A MODA PARISIENSE

Ainda é da tradição em Paris renovar as *tulletes* por ocasião das festas da Paschoa. E mesmo contra as indicações da folhinha e as intransigências do mau tempo, o domingo de Paschoa ainda é, e será por muitos annos, para a maioria das lindas parisienses, o signal para a inauguração das modas de primavera. Este costume também é lei em todas as cidades de provincia; e difficilmente, por mais que se revoltam certas parisienses da novidade *d'outrance*, Paris se libertará d'estos antigos usos femininos, que teem a sua razão de ser, comparados com as festas da Egreja, e com as alegrias da Paschoa.

De resto a Paschoa é signal de bom tempo, Paris sabendo do seu inverno cinzento e por vezes tristonho. O primeiro raio de sol enche de alegria o coração das mulheres. Immediatamente atiram-se para o lado com as pellicias e *foufures*, sem nos querermos lembrar do sabio proverbio francez: *Tant que dure avril n'ôte pas un fil*, — e avidas de novidades correm para casa das modistas.

Os vestidos de primavera são simples e sobrios: é a transição entre as lãs quentes do inverno e as frescas surpresas que nos prepara o verão. A forma lisa continua dominando, com modelos varios, e a mistura de fazendas e as



combinações de tintas são o principal elemento.

As fazendas de raminhos, de pintas e de desenhos regulares combinados com a fazenda unida, são muito apreciadas; as tintas que parecem extravagantes combinam-se facilmente. De resto é uma questão d'habito, pois que a vista cedo se acostuma a estas phantasias de colorido. Verde e preto, cinzento e violeta, cor de rosa e verde, todas as *nuances* que antigamente se procurava evitar cautelosamente, unem-se hoje com a maxima naturalidade.

Os corpos sempre justos, muitas vezes feitos de dois tecidos diferentes, variam pela forma e pelo lugar que occupam as pregas. Uma vez estas pregas descem do pescoço, para dar amplitude ao seio, outras vezes sobem da cintura, em pregas chatas ou fôfas, conforme a elegancia da pessoa. Pouco fecho apparente, excepto para o modelo chamado de *alfayate*.

Uma ultima criação da moda parisiense, e muito em moda n'este mez d'abril, é a manga Valois, com as suas diversas modificações. No

me atrevo a criticar esta forma, cuja graça é incontestavel. Mas confessem que teria sido mais logico adoptar esta ressurreição historica antes do inverno; porque, para que esta manga tenha caracter, deve ser muito comprida, e cobrir a parte superior da mão, o que é um pouco quente.

A *jaquette* continua gosando das boas graças; fazem-na simples ou ornamentada, bordada de perolas ou de vidrilhos, ou simplesmente esmaltada de flores. Faz-se comprida ou curta; a sua nova forma é lisa na frente, deixando ver o corpo do vestido; os *forros* eguaes ás mangas podem ser de seda ou de velludo.

Pequenas *visites* muito curtas de velludo *foncé*, verde, ameixa ou bronze, com azas de rendas e guarnecidas de vidrilhos, produzem um effeito muito elegante.

Os novos modelos para chapéus redondos são ligeiros, quasi todos de palha arendada ou palha de arros amolgada, guarnecida de flores. As capotas são ornadas com um modesto ramo de violetas, ou outras pequenas flores, em quanto o sol não faz desabrochar nos jardins e sobre as nossas cabeças outras grinaldas mais brilhantes.

E com a ajuda do meu illustre collaborador artistico, as minhas leitoras de Portugal poderão fazer uma ideia perfeita do aspecto das parisienses, durante este mez de abril de 1890, ainda chuvoso e friorento, o que tem prejudicado o brilho d'algumas corridas de Longchamps.

MARIE DE CAMORS.



17, 14, r. Beau-Arts, Paris.

A PASTA EPITALORIA DUSSEY E AS SUAS MARAVILHAS

DUSSEY, Inventor, 1, rue Jean-Jacques-Rousseau (em face do Louvre).



GUERLAIN DE PARIS

15, rue de la Paix. — ARTIGOS RECOMMENDADOS

Agua de Colonia Imperial. — Saponeiti, sabonete de loocador. — Creme Jacobino (Ambrosial Cream) para a barba. — Creme do Herington para amaciar a pelle. — Pó de Cypria para branquear a cutis. — Stibonite crystallizada, para o cabelo e a barba. — Agua Affluente e Agua Lavante para perfumar e limpar a cabeça. — Maria Christina. — Pó Rosa. — Hamillito de Cypria. — Melisso de Cypria. — Expositio de Paris. — Imperial Russo. — Imperial do Brasil, para o corpo. — Agua de Colonia Imperial Russa. — Agua do Cidra e agua de Chipre para o loocador. — Alcolato de Cichalaria, para a boca.

Mudança de Domicilio

PERFUMARIA-ORIZA

L. LEGRAND, de PARIZ

11, Place de la Madeleine, (antes 207, Rue St-Honore) PARIZ

PRODUCTOS RECOMMENDADOS

SARDNETE ORIZA MACIO
CREME-ORIZA
ONIZA-LACTEO
ONIZA-OLEO
ONIZA-TONICA

ORIZALINA, tintura instantanea.
ESS-ORIZA, de todos os perfumes.
ONIZA-HAY, agua de loocador.
ONIZA-POWDER, pó de arroz.
ONIZA-VELOUTE.

Ultima Novidade

Produtos especiais De VIOLETTA de CZAR

ESS-ORIZA SOLIDIFICADO, de baixo da forma de Lapis e Pastilhas de 12 Choeiros.
A vareja em todas os cabellos e casas de Perfumarias.

CAUTELA COM AS CONTRAFACÇÕES



T. JONES

23, Boul' des Capucines, 23

PARIS

Fabricante

de Perfumaria Inglesa

EXTRA-FINA

Extratos compostos

IMPERIAL RUSSO

ESS. BOUQUET

VICTORIA

OAPRICE

CHYPRE

YUCUE

PARADIS

W. Bellamy

etc.

Especialidades

DE

T. JONES

Fabricante

de Perfumaria Inglesa

EXTRA-FINA

Fluide Intif

Produto sem igual para amaciar

e preservar a pelle de qualquer irritação.

La Juvenile

Po sem nenhuma mistura clinica para os

unidades do rosto adherente e invisivel.

Lily Wash

Para ombelesar e autibrancar o Pascepoes Hombrs

Intif Cream

Conserva-se perfectamente solo todos os climas.

Superior a todos os Cold-Cream conhecidos.

Agua de Toilette Jones

Tonica e Refrigerante.

Elixir e Pasta Samochti

Dentifricas, antipiticas, Brinqueto os dentes, limpeza a corte e o tartaro.

W. Bellamy

etc.

T. JONES

23, Boul' des Capucines, 23

PARIS

Fabricante

de Perfumaria Inglesa

EXTRA-FINA

Extratos compostos

SENTHIA N.W

NEW NOW N.V

STEPHANOTIS

OPONONAX

VIOLETS

AIDA

W. ROSE

JUBILEE

etc.

LA CHARMERESSE

Pó refrigerante, o non plus ultra dos pó de bellas. A composição absolutamente nova ao ponto de vista de hygien, a sua leura, o seu odor, a sua pureza, a sua perfeição adherente, ficam recommendados a ser uno para as bellas bellas. Refresca o pó, clareia as rugas, dá ao rosto a brancura pallida, agradável e discreta da damella e faz desaparecer todos os pontos de imperfeição (acne, erupção, etc.) para o brilho da luz, todo os esportos, esportos e esportos. CHARMERESSE CONCENTRADA e solidificada em oveto, muito adherente. GRANDE NOVIDADE. — DUSSEY Inventor, 1, rue Jean-Jacques-Rousseau, n.º 1, Paris. — Em Lisboa: GODEFROY, Rua Garrett, 51; BERNARD, Rua Garrett, 78; E. QUETO & Cia, Praça do Padre (Rocio), rua principal (Lombos) e Lisboa e Brasil.

Le Gérant: P. MOUILLOT.

PARIS. — IMPRENSA DE P. MOUILLOT, 13, QUAI VOLTAIRE.